

BERNARD-HENRY LÉVY



FOTO DE PEDRO MARTINELLI

“**Todos os meus heróis decifraram a história sobre o corpo da mulher amada. É quando se despe a verdade**”

Sartre tinha um projeto, semelhante ao meu, nos anos 70. Ele também queria contar uma versão pessoal dos fatos que marcaram este século, numa série de programas de televisão. Por que não o fez? Porque, naquela época, a televisão francesa era conservadora demais. Havia um medo enorme de se dar a palavra a ele, em microfone aberto. Eu tive mais sorte...”

Mais sorte e muita audácia. Ao repassar a trajetória do que ele mesmo chama de “minha família de pensamento”, Bernard-Henry Lévy conclui que a História também é feita de uma sucessão de mal-entendidos. Arrisca um exemplo: “Como aceitar, hoje, a defesa de Sartre ao ataque terrorista à sede dos Jogos Olímpicos, em Munique, em 1972?” E oferece outro exemplo, bem mais recente: “Como compreender a reação simpática de inúmeros intelectuais franceses à guerra no Golfo Pérsico, como que torcendo para que Israel entrasse no conflito e o mundo se transformasse num barril de pólvora?”

“Estou certo de que não há mais lugar, neste planeta, para as ideologias históricas”, alerta, ao mesmo tempo em que brinda o nascimento de um novo intelectual. Quem é essa pessoa? Bernard pede bis para o coquetel e o salmão — e pensa. E, quase em tom confidencial, retoma a palavra: “Existe, sim, um novo homem. Ele escuta um murmúrio, obscuro, indecifrável, o som abafado de uma História que está sendo feita. Este ser humano, que pensa e age, está saturado de idéias simplistas. Slogans. Mentiras. É isso! Nos anos 60, os *gauches* transformaram o complexo em simples palavras de ordem. O que se quer, hoje, é exatamente o contrário”.

O tom é confidencial, certo. Mas não é a primeira vez que Bernard defende essa tese. E, sempre que isso acontece, precisa se proteger de uma imensa artilharia, que tanto vem da direita quanto da esquerda. Ele sorri, satisfeito: “Você sabe, eu não sou um caso de unanimidade...” Longe disso. Os que estão à *droite* ficam furiosos com os ataques im-

pertinentes deste jovem filósofo, a pisotear na imagem do general De Gaulle e a denunciar que a França jamais se libertará dos efeitos da ocupação nazista. Os que estão à *gauche* também não se conformam quando ele afirma que o comunismo gerou a servidão humana e que, por isso mesmo, foi derrotado. “Estou sempre me defrontando com esses dois blocos inimigos, os radicais de direita e de esquerda, que, no fundo, são a mesma gente”, compara, com visível desprezo.

A essa altura do almoço, há que se lembrar de um recente ataque do escritor francês Régis Debray, marxista convicto, envolvido nos anos 60 com a guerrilha na América Latina. Debray, que é personagem das *Aventuras*, o livro e o filme, disparou pela imprensa: “Bernard-Henry Lévy confunde a História da França com a história do Faubourg Saint-Honoré”. A ironia incomoda, claro. Mas seria esse um ataque puramente filosófico ou declaradamente pessoal? “Você deveria perguntar isso a ele”, rebate o acusado, acendendo um cigarro com impaciência: “Acho que ele me provoca das duas formas”.

Bernard está em evidência. Ele desperta ciúmes, portanto. Há quem o critique por ser amigo do poder, mas, da mesma forma com que participa do grupo dos favoritos de François Mitterrand, pode, de repente, dar uma entrevista bombástica, demolindo os socialistas, acusando-os de inabilidade política, chamando Jack Lang, por exemplo, de o mais decepcionante dos ministros franceses, condenando vários programas de trabalho deste titular da Cultura. Tais rompan-tes têm se repetido ao longo dos últimos anos. Seriam, enfim, as aventuras de um homem livre?

Na verdade, essa frase bem poderia ser de Bernard-Henry Lévy: “Os engajados que me desculpem, mas *savoir vivre* é fundamental”. E, aqui, ele também surpreende. Filho de um próspero industrial francês, teve uma sólida formação que resultou, como ele próprio costuma brincar, “num judeu reconstruído”. ▽